

Urbanismos em estado selvagem: Por uma descolonização permanente do pensamento

Dilton Lopez de Ameilda Junior

JACQUES, P. B. *Pensamentos selvagens: montagem de uma outra herança* – v. 2. Salvador: EDUFBA, 2021.

Pensamentos selvagens

Montagem de uma outra herança, 2

PAOLA BERENSTEIN JACQUES



O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.

Walter Benjamin (2012 [1940], p. 244)

Que é a História, senão um contínuo revisar de ideias e de rumos?

Oswald de Andrade (1972 [1953], p. 152)

Dilton Lopez de Ameilda Junior é Professor Assistente A da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), doutorando do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA e membro pesquisador do Laboratório Urbano.

A publicação de “Pensamentos selvagens”, o segundo volume de “Montagem de uma outra herança” de Paola Berenstein Jacques, na iminência de celebrarmos os duzentos anos de independência do Brasil concomitante aos cem anos da realização da Semana de Arte de 22, parece-nos ser destes gestos intelectuais nada fortuitos e de extrema coragem, assertividade, fôlego e rigor acadêmicos. Durante tais comemorações, em choque, temos todos assistido as imagens do Brasil, em sua diversidade, serem assaltadas e reduzidas a apologéticos símbolos e mitos esvaziados e fixos em narrativas de continuidade histórica a arregimentar um projeto de país racista, machista, colonialista e retrógrado. Tais maquinações, ademais, a serviço político de um sinistro retorno de pautas morais conservadoras, apresentam-se escancaradamente embalsamadas em nacionalismos deturpados. A contrapelo¹ desta onda, ao se posicionar a partir do gesto da escrita da História, a autora nos oferece a possibilidade de compreender o passado no entrever de futuros vencidos, interrompidos, esquecidos e soterrados, não como uma matéria morta e inexorável, mas como uma brecha, um furo, uma fenda, um salto², a possibilitar a percepção de múltiplas tempo-

¹ Rememoremos aqui a proposta benjaminiana do materialismo histórico de escovar a história a contrapelo, ou seja, sob a perspectiva dos vencidos. Cf. LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura sobre as teses 'Sobre o conceito de História'*. São Paulo: Boitempo, 2005.



ralidades entrecruzadas que sobrevivem no presente. Somo convidados, então, a partilhar o gesto de desfundar, refundar, atualizar, revisar, dar novos rumos, imaginar outros futuros possíveis e abrir espaço para outras possibilidades de ação, enfrentamento e proposição, como se estivéssemos, assim como nos sugere a autora, a montar uma outra herança.

Se no primeiro volume, "Fantasmas modernos" (EDUFBA, 2020), eleito como o melhor livro do ano com o V Prêmio Ana Clara Torres Ribeiro pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), pudemos reivindicar a tessitura de uma outra herança moderna e crítica a partir de dois *dibbuks*: Aby Warburg e Patrick Geddes, mediante o exercício metodológico e reflexivo de montagens³, neste segundo tal herança é ampliada ou aproximada de uma outra, também moderna e crítica mas a nós mais próxima: nossa herança selvagem, ameríndia, ou antropófaga - retrabalhada pelos artistas de vanguarda brasileiros dos anos de 1920. Como bem explicitada em sua obra, esta segunda herança, assim como a anterior, enfrentou a hegemonia de visões de mundo mais tecnicistas, funcionalistas, racionalistas e de crenças exacerbadas no progresso teleológico e foi também vencida. Tais heranças permanecem, então, em latência, como fragmentos de memória, murmúrios de outros tempos, sobrevivências a reaparecerem de forma atualizada, como se estivessem a assustar as tradições vencedoras. Cabe aqui à figura da historiadora a reintrodução no curso da História destas tradições vencidas em fragmentos de tempos porventura esquecidos, dando-lhes novos usos, compondo novas "imagens de pensamento" ou imagens-pensamento (*Denkbild*), se quisermos retomar a proposta benjaminiana, ou mesmo propor "máquinas pensantes" (*thinking machines*), como nos parece ser o próprio livro, indo de acordo ao pensamento de Patrick Geddes muito bem explorado pela autora.

Assim, a publicação desde seu prólogo, capítulos e epílogo, parece-nos ser organizada em torno desta herança; uma imagem de pensamento a sempre reaparecer de forma diferente ao longo de toda a leitura e que marca o título da obra - o pensamento selvagem (*pensée sauvage*), a saber: espécie de desvio propositivo criado pelo próprio Claude Lévi-Strauss no interior de sua proposta para uma antropologia feita a partir de suas experiências etnográficas em terras brasileiras. A revolução proposta por Lévi-Strauss é retomada por Jacques no sentido de romper com uma tradição evolucionista de entender os povos indígenas como atrasados, primitivos, incivilizados ou mes-

² Sobre o conceito benjaminiano de origem (*Ursprung*) como salto: "Trata-se muito mais de designar, com a noção de *Ursprung*, saltos e recortes inovadores que estilizam a cronologia tranquila da História oficial, interrupções que querem, também, parar esse tempo infinito e indefinido, como relata a anedota dos franco-atiradores (Tese XV), que destroem os relógios na noite da Revolução de Julho: parar o tempo para permitir o passado esquecido ou recalçado surgir de novo (*Entspringen*, mesmo radical que *Ursprung*) e ser assim retomado e resgatado no atual". (GAGNEBIN, 2013, p. 9-10)

³ Rcf. "Intermezzo" In.: JACQUES, P. *Fantasmas modernos: montagem de uma outra herança* - v.1, Salvador: EDUFBA, 2020.

mo pré-lógicos, quando em realidade tais modos de existência atestam formas outras de pensar. Formas estas que subvertem a hegemonia da racionalidade cientificista justamente por fazerem extravasar racionalidades alternativas ao se colocarem contra uma colonização, classificação, normatização, permanecendo, portanto, em estado selvagem: contra qualquer domesticação⁴. O pensamento selvagem seria, ademais, não uma característica específica dos povos ameríndios, mas, uma forma de pensar, *uma filosofia selvagem*, um estado de pensamento indócil, errante, nômade, coletivo e anônimo, e também um modo de fazer ciência e produzir conhecimento de forma intuitiva e sensível muito mais além do racionalismo cartesiano purista. Diz-nos Jacques (2021, p. 29):

⁴ Assim como Paola Berenstein Jacques, lembramos, neste mesmo sentido, a importância da contribuição de Pierre Clastres para o campo da antropologia com a sua proposta de estarmos diante de sociedades contra a ideia de Estado e não povos sem Estado. Cf. CLASTRES, P. *A sociedade contra o Estado: pesquisa de antropologia política*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

Lévi-Strauss não somente demonstrou como as sociedades ditas selvagens nos mostram outras formas de pensar, alternativas ao pensamento dito científico, tecnicista e racionalista, mas, sobretudo, deixou claro que o pensamento selvagem não seria um pensamento "dos selvagens", menos ainda uma forma de pensar exclusiva dos povos e sociedades ditas por selvagens mas, sim, bem mais amplamente, toda forma de pensar que não se deixaria domesticar, seja ela contemporânea ou antiga, exercitada perto ou longe dos centros tidos por civilizados.

Através de Jacques, ousaremos ainda dizer que o pensamento selvagem poderia ser também reconhecido como um modo de pensar o tempo de maneira não-linear e fragmentada para escrever a História. Para tanto, a autora recupera o conceito também lévi-straussiano da *bricolagem* e o associa às montagens impuras, como também, oportunamente, o aproxima ao urbanismo e à arquitetura e seus *bricoulers*, construtores anônimos ou, como diria Michel de Certeau (2014), os praticantes ordinários da cidade. Esta forma de pensar, esta *imagem-pensamento-selvagem*, é restituída, então, a nós como uma herança pela autora e a partir das montagens propostas, aproximamos fragmentos de tempos, atores, disciplinas e campos de saber por vezes não tão óbvios, a nos prover novas possibilidades de leitura e compreensão das circulações do pensamento urbanístico. Há que se destacar a vasta documentação explorada, o cuidado no trato dos mesmos e o constante gesto de reflexão historiográfica.

A leitura do livro nos parece dar concretude a uma delicada montagem de relações entre documentos, imagens, projetos, publicações, narrativas de viagem, etc. que são escavados, acumulados pela autora e a nós apresentada como em uma espécie de caleidoscópio: máquina pensante, dispositivo de lentes, espelhos e fragmentos moventes de tempos heterogê-

neos que nos aclaram perspectivas outras para uma mesma realidade, notadamente a desestabilizar sentidos comuns. Mais do que apropriar-se destes materiais como continuidade histórica, somos convidados a pensarmos junto com eles, ou seja, somos provocados a todo instante a experimentarmos a possibilidade de pensar de modo selvagem. Assim, Claude Lévi-Strauss, seu pensamento e suas experiências junto com os povos indígenas no Brasil são rememorados na dobra com as vanguardas artísticas, especificamente o surrealismo - por meio das intensas e surpreendentes contribuições e trocas entre Lévi-Strauss e Max Ernst, como também com Georges Bataille, organizador da revista *Documents* (entre 1929 e 1930); ademais, na dobra da proposta lévi-straussiana do pensamento selvagem, a partir da torção de imaginar o indígena não como sujeito atrasado e sim como ator pleno que experimenta uma forma outra de pensar, a autora reintroduz a proposição antropófaga dos artistas modernistas brasileiros, a jogar o indígena como possibilidade de futuro, como uma espécie de experimentação selvagem no campo das artes no interior das vanguardas modernas e críticas; por fim, na dobra com a antropofagia, as incursões filmicas pela região amazônica, os escritos de viagem, as propostas artísticas e os projetos de arquitetura e de cidade empreendidos por Flávio de Carvalho são apresentados como possibilidade de experimentação selvagem no interior do campo do urbanismo.

É justamente a partir destas relações entre atores, tempos, espaços e campos disciplinares, notadamente o urbanismo e a antropologia, mas também as artes e suas vanguardas, que as montagens empreendidas por Paola Berenstein Jacques possibilitam o estilhaçamento de identidades fixas, ideias de lugares estanques e disciplinas estabilizadas como ciências separadas. Se Aníbal Quijano (2009) afirma que a estruturação da colonialidade deu-se em torno do esforço de classificação e organização social e racial do mundo mediante a emergência das disciplinas sociais, Jacques rememora que a antropologia e o urbanismo surgem sincronicamente como campos disciplinares modernos e com propósitos de certa maneira complementares: ao mesmo tempo que os urbanistas promoviam a modernização de cidades existentes e criação de novas cidades, os antropólogos preocupavam-se com as culturas ditas "outras" (quer seja para a sua preservação, colonização, ou domesticação). São precisamente estas culturas que corriam o risco de desaparecer diante do processo veloz de modernização e homogeneização do mundo.

É salutar na obra da autora sobretudo, o seu esforço de torção, giro ou mesmo revolução deste cenário em busca dos momentos em que este projeto de modernidade foi criticamente interpelado, apesar de vencido, ou seja, o desafio de encontrar no interior da modernidade acontecimentos que subvertem e abrem outras possibilidades e desvios à mesma, sem jamais deixar de ser modernos. O pensamento selvagem só pode ser deste modo compreendido em sua coimplicação com a modernidade, justamente por tornar-se desvio, alteridade, rastro ou marca da diferença. Ao buscar romper as fronteiras entre campos disciplinares, explicitando suas impurezas e contaminações e ao estilhaçar a estruturação de um determinado pensamento ocidental e colonizador que buscou a todo custo normatizar e classificar racialmente a sociedade, Jacques nos oferece esta herança antropófaga e selvagem enquanto multiplicidade de perspectivas⁵ e ideias em movimento, ambiguidades, polifonias, pluralidades, diferenças que se recusam às simplificações. Com Achille Mbembe, a autora reivindica para o pensamento selvagem sua dimensão de “pensamento de travessia”, que abole fronteiras preestabelecidas, por consequência de as ideias não terem lugar fixo. Com Eduardo Viveiros de Castro, ratifica o chamado para uma “descolonização permanente do pensamento” feito à filosofia e à antropologia, ou seja, um convite a se pensar junto com (e não sobre) o pensamento selvagem:

Um convite – que, como veremos, se assemelha àquele feito bem antes por Oswald de Andrade com sua ideia de Antropofagia –, a tomarmos esse pensamento outro (dos vários outros) como interlocutor privilegiado, um tipo de revolução (uma “revolução permanente”, no sentido trotskista) selvagem do próprio pensamento antropológico. Esse convite da devoração ou descolonização permanentes poderia ser levado para outras disciplinas modernas (além da antropologia), ainda baseadas em preceitos coloniais (ou colonizadores), como é o caso do urbanismo. Tratar-se-ia assim de um exercício permanente de auto-descolonização, uma proposta de “deixar de ser colonialista de si mesmo”. (JACQUES, 2021, p.64)

Se no início desta resenha notamos a capacidade de articulação e impacto desta obra com as urgências do presente, poderíamos concluir que se trataria de uma obra datada. Não é este o caso. Como toda herança, o que em realidade nos é apresentado é a possibilidade prospectiva de imaginarmos e instaurarmos outros futuros e também outros urbanismos possíveis. Para tanto, fundamenta-se a tarefa de assumirmos o pensamento em estado selvagem como uma atitude a incorporar a diferença e fazer dela um exercício permanente de descolonização. Ao transformar uma

⁵ Diz-nos Jacques (2021, p. 373): “A teoria da multiplicidade parece ser determinante para todos esses pensadores modernos errantes, impuros ou “em estado selvagem”. Como vimos por exemplo com Patrick Geddes (v. 1), a proposta de uma multiplicidade mutante de pontos de vista ao invés de um ponto de vista único e fixo – geralmente o que seria considerado como o centro – foi determinante para a desconstrução das fronteiras fixas entre campos disciplinares e possibilitar formas de pensar outras. Viveiros de Castro usou de um princípio próximo ao propor a instigante ideia de um “Perspectivismo ameríndio” como forma de atualização antropológico-filosófica da antropofagia oswaldiana. Essa ideia foi desenvolvida desde seus textos mais etnográficos (ou etnológicos) de povos ameríndios amazônicos até seu ensaio mais filosófico “Metafísicas Canibais”, ele propõe intercâmbios ou inversões de perspectivas, de pontos de vista e, também, da própria noção antropológica (e antropocêntrica) de “ponto de vista”.

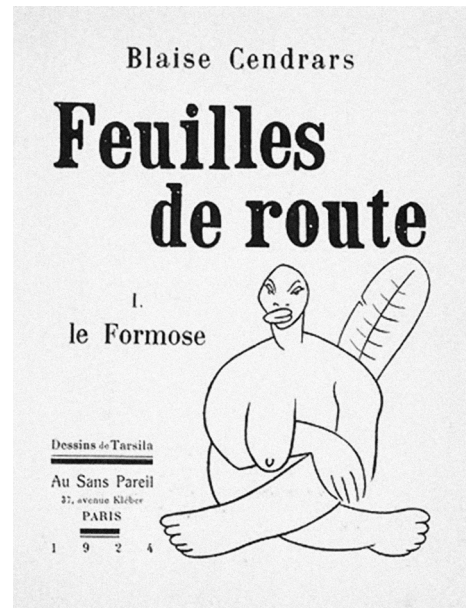


Figura 2
Auto-retrato, com a legenda "Praia do Chapéu Virado, Belém, Maio 1927 Mario de Andrade na praia em traje preto de banho" (à esquerda)
Fonte: Acervo IEB-USP

Figura 3
Capa do livro Feuilles de route, de Blaise Cendrars, de 1924 (à direita)
Fonte: Desenhos de Tarsila do Amaral

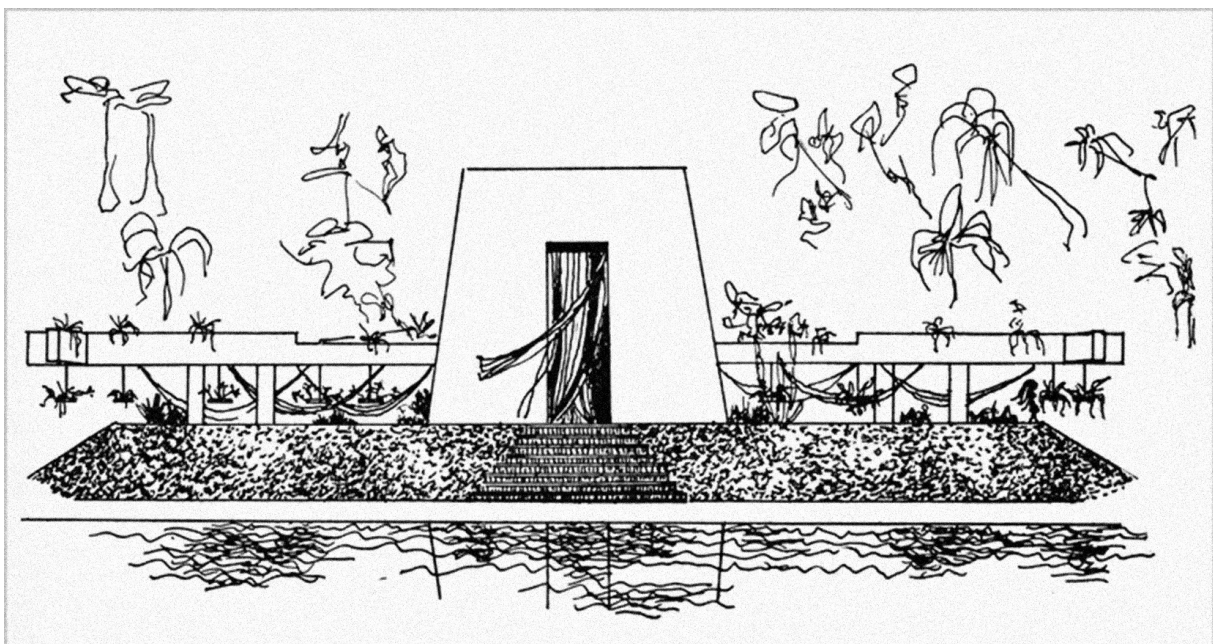


Figura 4
Croquis da Casa da Fazenda Capuava, em Valinhos
Fonte: Fundo Flávio de Carvalho CEDAE – UNICAMP



Figuras 5 e 6
Fotografias de Flávio de Carvalho (1899-1973). Expedição Amazônica, também conhecida como Experiência nº- 4 e realizada em 1958: Eva Harms e indígena da tribo xirianã (à esquerda); Indígena da tribo xirianã (à direita).
Fonte: Fundo Flávio de Carvalho CEDAE – UNICAMP

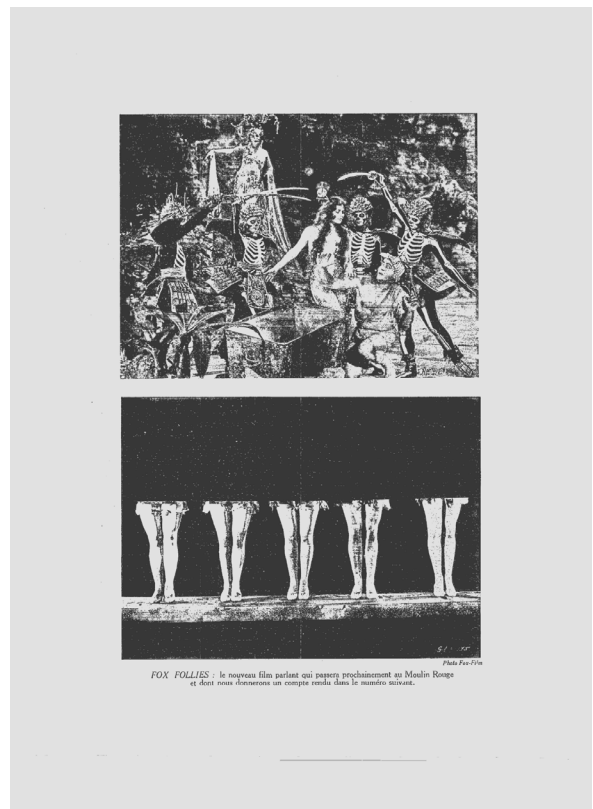
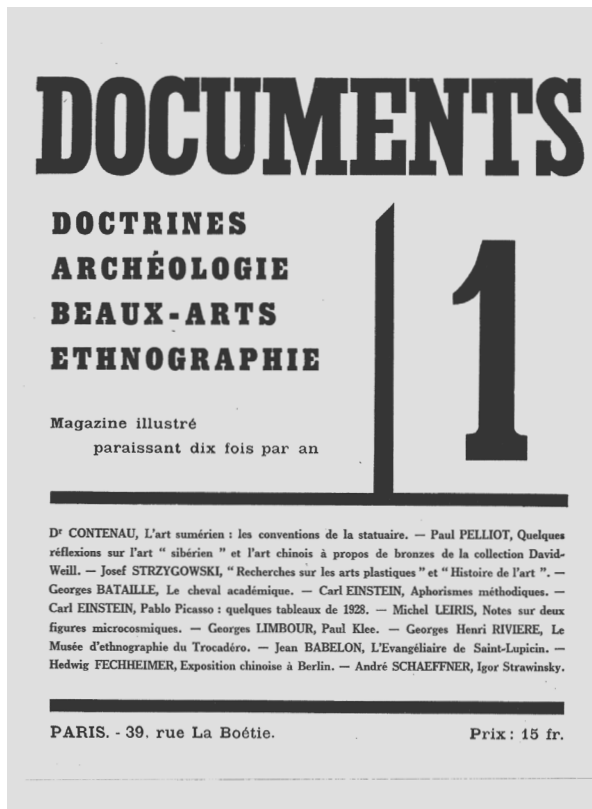


Figura 7 e 8
Capa da primeira edição da Revista Documents de 1929; Página 344 da sexta edição
Fonte: Bibliothèque Kandinsky, Centre Pompidou MNAM

Referências

ANDRADE, Oswald. *Obras completas VI – Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias: manifestos, teses de concursos e ensaios*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 – Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

JACQUES, Paola Berenstein. *Pensamentos selvagens: montagem de uma outra herança – v. 2*. Salvador: EDUFBA, 2021.

JACQUES, Paola Berenstein. *Fantasmas modernos: montagem de uma outra herança – v. 1*. Salvador: EDUFBA, 2020.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social In: SANTOS, B. S.; MENESES, M.P. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almada, (2000) 2009.